

ENTRE DIÁRIOS, MÚSICA E LITERATURA: UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA NA ARTE

Gleica Rodrigues de Souza ¹

Samon Noyama ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre a disciplina “Filosofia, Música e Literatura”, que ocorreu no primeiro quadrimestre de 2025, na Universidade Federal do ABC (UFABC). Deste modo, serão apresentadas as atividades realizadas ao longo do quadrimestre, bem como os sentimentos, percepções e esperanças criadas a partir da participação nas aulas.

No desenvolvimento da disciplina, a leitura de autores que escreveram literaturas filosóficas em seus diários foi extremamente importante: Pagu, Maria Carolina de Jesus e Lima Barreto foram os alicerces para nossos trabalhos. Além disso, o uso da música popular brasileira (MPB) foi essencial para trazer contextos e sentimentos que por vezes apenas a música é capaz de trazer à tona. Com esses elementos, desenvolvemos, além dos nossos próprios diários, uma peça teatral, apresentada para cerca de 350 estudantes de escolas parceiras da universidade.

Descobrimos, em meio a diários, música e literatura, que a Filosofia está presente nos âmbitos marginais, nos palanques políticos, nas prisões, nos hospícios, nas favelas, nas escolas, está na pergunta de uma criança, nas falas das manifestações. A Filosofia está na rua, em todos os lugares onde se pode compreender os afetos - bons e ruins.

Como este é um relato de experiência, por vezes será impossível não falar em primeira pessoa. Não faria sentido com o escopo deste texto. Experimentar o contato com a Filosofia na universidade, de uma maneira não convencional, é um divisor de águas na vida acadêmica. Faz querer romper com as barreiras mais academicistas e, por vezes, excludentes. Assim, é possível desenvolver uma percepção mais ampla sobre a relação entre arte e sociedade, bem como sobre a potência da escrita filosófica como forma de expressão e crítica.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do ABC - UFABC, gleica.r@aluno.ufabc.edu.br;

² Professor orientador: Doutor em Filosofia, Centro de Ciências Naturais e Humanas - UFABC, s.noyama@ufabc.edu.br.



METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva. A metodologia consistiu na participação ativa na disciplina "Filosofia, Música e Literatura" da Universidade Federal do ABC (UFABC) durante o primeiro quadrimestre de 2025. Os dados para este relato foram construídos a partir da vivência direta das atividades propostas, incluindo a leitura e discussão de obras de Pagu, Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto, a elaboração de um diário pessoal como registro reflexivo e a participação no processo criativo e na apresentação de uma peça teatral para estudantes do ensino básico. A análise da experiência se deu de forma contínua, por meio da auto-observação e da reflexão crítica sobre os sentimentos e percepções que emergiram ao longo do processo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A disciplina mobilizou textos autobiográficos que, embora escritos em contextos diferentes, permitem compreender de que forma a escrita de si revela o sujeito e, ao mesmo tempo, a sociedade. Jorge Larrosa (2002) contribui para pensar a noção de experiência não apenas como o que se passa, mas como aquilo que nos acontece e nos transforma. Nesse sentido, a leitura dos diários atravessou profundamente o meu empenho na disciplina e a escrita do meu próprio diário.

Em *Diário do Hospício*, Barreto expõe as violências sofridas em sua internação, denunciando os mecanismos de exclusão social e institucional que atravessam a vida dos marginalizados. Ao narrar o cotidiano do hospício, o autor mobiliza uma lucidez crítica que confronta tanto a psiquiatria oficial quanto às estruturas políticas da Primeira República, afirmando-se como intelectual que transforma a própria dor em resistência.

Carolina Maria de Jesus, em *Diário de Bitita*, registra sua infância marcada pela pobreza e pelo racismo, revelando como a literatura pode nascer das margens sociais. Sua escrita, permeada pela oralidade, pela sensibilidade e pela consciência histórica, dá forma coletiva a uma experiência individual. O texto, ao mesmo tempo autobiográfico e contestatório, constrói um retrato vivo de uma parcela da população brasileira frequentemente silenciada.

Já em *Autobiografia Precoce*, Pagu problematiza sua trajetória intelectual e política desde muito jovem, trazendo à tona reflexões sobre gênero, militância e identidade. Sua escrita é marcada pela intensidade e pela recusa a conformar-se com



papéis sociais preestabelecidos, apontando para a potência da palavra como lugar de emancipação e de criação de novas possibilidades de existência.

Pagu, Lima Barreto e Maria Carolina de Jesus mobilizaram em seus escritos, relatos, sorrisos e lágrimas, diferentes críticas sociais, cada um de acordo com a sua realidade, mas tendo um vínculo: não se restringiram a um exercício individual, mas constituíram uma prática estética e filosófica capaz de revelar a complexidade dos afetos, a denúncia das opressões e as possibilidades de criação de novos sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivida ao longo da disciplina revelou que a articulação entre diários, música e literatura potencializa um aprendizado que ultrapassa os limites do formato acadêmico tradicional. A leitura de Lima Barreto, Maria Carolina e Pagu não apenas subsidiou reflexões críticas, mas também inspirou práticas criativas, como a elaboração de diários pessoais e a construção de uma peça teatral.

Um dos principais resultados foi a constatação de que a filosofia pode ser experimentada para além dos textos sistemáticos, manifestando-se na vida cotidiana, nos relatos de sofrimento, nas memórias afetivas e nas expressões artísticas. A liberdade dada na produção dos diários - seja por meio da escrita, da colagem, do desenho ou da pintura, como eu escolhi fazer - reafirmou a centralidade da experiência como espaço de criação de sentidos.

A peça teatral, apresentada para cerca de 350 estudantes da educação básica, funcionou como momento de síntese, no qual os conteúdos lidos e vividos foram compartilhados de forma estética e política. A recepção do público demonstrou a potência de integrar filosofia, música popular brasileira e literatura marginal à prática pedagógica, possibilitando não apenas a reflexão, mas também a sensibilização coletiva.

As questões trazidas pelos autores permanecem ecoando em mim: Carolina se perguntava, quando criança, o que significava ser gente. Pagu buscava algo que a fizesse sentir viva. Lima Barreto indagava se sua condição era loucura - e quem poderia responder? De tantas formas diferentes, eles ressoam os pensamentos, perguntas e incertezas que desenvolvemos durante a vida. Seus escritos expõem as desigualdades sociais, o racismo, o machismo e as contradições institucionais que ainda marcam a sociedade brasileira.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência proporcionada pela disciplina já tão bem apresentada neste texto, revelou-se um marco em minha trajetória formativa como futura professora, não apenas por possibilitar o contato com autores como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e Pagu, mas, sobretudo, por abrir espaço para a experimentação da filosofia em diferentes linguagens.

Ao unir música, literatura, teatro e escrita de si, a experiência mostrou que o pensamento filosófico não se restringe ao espaço acadêmico, mas pode habitar as margens, as ruas e as expressões artísticas cotidianas. A prática do diário e a construção da peça teatral evidenciaram que aprender filosofia é também criar modos singulares de expressão e dar sentido ao vivido.

Nesse processo, a leitura deixou de ser apenas um exercício intelectual para se transformar em encontro afetivo e político, capaz de revelar dores, resistências e esperanças. A experiência reafirmou que a arte é um caminho privilegiado para a filosofia, pois mobiliza tanto a razão quanto a sensibilidade, permitindo novas formas de compreender e intervir no mundo.

Por fim, a disciplina apontou para a necessidade de metodologias pedagógicas que valorizem a experiência e a criatividade, rompendo com modelos puramente academicistas e aproximando a filosofia de estudantes de diferentes contextos. O aprendizado ultrapassou a sala de aula e se estendeu para a vida, deixando a certeza de que pensar filosoficamente é também viver com intensidade, narrar a própria história e reconhecer a potência transformadora da arte.

Maria Carolina se perguntava quando iria aprender tudo que há no mundo. Eu não sei responder, mas acredito que ela sabia mais do que muita gente.

Palavras-chave: Diários, Práticas de Ensino, Filosofia, Música, Literatura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o professor Samon, meu querido orientador, e o professor Luciano, que tornaram a experiência nesta disciplina tão enriquecedora, transformadora e única.

A turma que se formou em todo o processo, desde a primeira aula até a apresentação final da peça - sem cada um, não teria sido tão bonita e potente.



E aos meus amigos mais íntimos, que me incentivaram a fazer a matrícula na disciplina. Acho que eles sabiam de algo que eu só descobriria depois.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do hospício & O cemitério dos vivos**. Edição preparada por Augusto Massi. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GALVÃO, Patrícia. **Autobiografia precoce**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

